



UMA DISCUSSÃO SOBRE A (DES) CONSTRUÇÃO DO GÊNERO E DO PADRÃO DE BELEZA MIDIÁTICO A PARTIR DOS DESENHOS ANIMADOS

André Luiz Bernardo Storino

Mestrando em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas

Universidade Estadual do Rio de Janeiro-EURJ.

E-mail: periferiaurbana@eurj.br

Resumo

O trabalho tem como base discutir a (des) construção do gênero e dos padrões de beleza midiático a partir dos desenhos animados com alunos do ensino médio em uma escola do bairro Xerém – Duque de Caxias-RJ. Na inquietação com a temática, ao lecionar filosofia para alunos e alunas do ensino médio, pude constatar a urgência de uma abordagem mais sistemática, repensando e problematizando as relações de poder que determinam lugares demarcados para ambos. Escolhi partir dos desenhos animados para analisar esta relação – gênero e padrão de beleza midiático – pois funcionam como demarcadores de lugares e não tão ingênuo como se faz crer. Juntamente com o núcleo familiar e a escola, configuram-se como fonte de formação e informação. Eles funcionam propondo as regras de como se deve ser e agir, realizam a manutenção dessas mesmas regras, no viés heteronormativo, os quais predominam as representações do branco e heterossexual, em detrimento das identidades que não se configuram com esta “norma”, ou seja, a estética negra e as orientações sexuais não heterossexuais. Naturalizam construções e as propagam fazendo valer como verdades irrefutáveis produzindo mecanismos que mantem os discursos acerca do gênero e do padrão de beleza como postulados da natureza e não da cultura. Propôs-se construir e proporcionar um lugar privilegiado de reflexão. Balizando a discussão, a partir dos vídeos, textos, desenhos entre outros, acerca da construção do gênero e dos padrões de beleza, permitir-se-ia uma reflexão das associações construídas e alimentadas pelos meios de comunicação de massa, sobretudo nos desenhos animados infantis.

Palavras-Chave: Gênero; Beleza; Mídia, Desenhos Animados.



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

Este pré-projeto é resultado de um projeto didático-pedagógico e fruto da inquietação que nasceu nas aulas de filosofia ao se trabalhar aspectos da cidadania referente às concepções de gênero e sexualidade como também a formação do gosto e sua relação com os padrões de beleza midiáticos. Para discutir às temáticas com os adolecentes do Colégio Estadual Monteiro Lobato, situado no bairro de Xerém, 4º Distrito do município de Duque de Caxias, estado do Rio de Janeiro, no qual leciono filosofia para as turmas do Ensino Médio, vali-me dos desenhos animados como meio para fomentar o debate, por compreender que os mesmos funcionam como formadores, informadores e deformadores de padrões e comportamentos seja em relação a construção de gênero e dos padrões estéticos (OLSIEKY, 2010).

A escola possui em seu quadro de alunos um número expressivo de meninas, quase 70%. Este corpo discente constitui-se, na sua maioria, de moradores dos bairros periféricos do município. São alunos e alunas que não apresentam uma diferença significativa no poder aquisitivo. Encontram na família, na comunidade religiosa local, na escola e na grande mídia suas principais fontes de formação e informação.

Na convivência com os demais colegas de profissão e paulatinamente observando as práticas, os discursos e discussões tanto nas aulas quanto fora delas, verificou-se que há uma postura intolerante crescente, preconceituosa e até mesmo discriminatória que decorre da concepção predominante de gênero e estética tida como padronizadas. Gênero reduzido ao binarismo homem e mulher, dentro da heterossexualidade (LOURO, 2013).

Compreendendo-se beleza (midiática) como a presença da beleza branca – mas, magra e heterossexual – como predominante nos meios de comunicação em detrimento da beleza negra; quando não ausente, embranquecida. Concepção de beleza dada, pronta e acabada, na qual assumida pelos alunos e alunas como a padronizada, sem deixar espaço para outras formas verificando claramente à exclusão de uma estética negra.

Um ambiente escolar que atua mais como reforçador das desigualdades entre masculino e feminino, e na manutenção destas, do que possibilitando uma abertura para um discurso político no modo como essas identidades são construídas (SILVA, 2014). Recrudescimento nas posturas, tornando-as intolerantes e pré-dispostas a negar, não só no discurso como também em algumas ações, qualquer tipo de direito a determinados grupos e pessoas que não se coadunam com estes padrões. O discurso utilizado, para preservar



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

condições sociais e privilégios de uns em detrimento de outros acaba sendo o da heterossexualidade branca e masculina, em detrimento de todas as outras (LOURO, 1997).

Tal realidade não é tão incomum nas dependências escolares seja entre os discentes ou docentes. Ambiente este que é constituído por diversos indivíduos que possuem muitas fontes de formação e informação, sendo uma dessas o próprio desenho animado. Dessa forma, abordar a (des) construção do gênero (LOURO, 1997) e repensar sua relação com os padrões de beleza midiático no ambiente escolar a partir dos desenhos animados se justifica por ser lugar privilegiado de informação e formação (RAEL, 2013).

Conforme Prates (2004), é característico que nos desenhos infantis, aqui se considera aqueles que trabalham diretamente a questão da princesa bela (magra, branca e cabelos lisos), reforçam a ideia de que romantismo é coisa de menina (RAEL, 2013); condenando, dessa forma, os meninos, quase em tons doutrinários, desenvolverem-se como seres insensíveis, e quando não brutos e agressivos, mas corajosos, ou seja, demarcando lugares para homens, mulheres, como também demarcando o que é ou não belo.

A relação de poder entre aqueles que produzem estas representações e aqueles que são representados retrata a posição política que se constroem o homem a mulher (SILVA, 2014) e os valores atribuídos às cores de cada um e seus lugares socialmente estabelecidos, de um modo geral, relação esta estrutural e politicamente institucionalizada. Corroborada por práticas adocicadas (FOUCAULT, 1987) que não se questionam a manutenção da discriminação de gênero e racial. Os desenhos retratam apenas alguns dos degraus das estruturas de conservação que camufla e reforçam posturas e práticas preconceituosas e discriminatórias.

Isso se reflete no ambiente escolar e pode ser constatado pelas brincadeiras entre meninos e meninas, na forma de socialização em que cada qual desenvolve no dia a dia para formar os grupos e aceitar novos membros. A representação midiática cria uma espécie de manutenção e propagação dos estereótipos de beleza ao mesmo tempo em que os associa ao gênero e a orientação sexual reforçando, seja no aluno e na aluna como também nos grupos aos quais eles pertençam, uma espécie de discurso único que sustenta a orientação sexual heterossexual como “única, natural e normal” e a beleza branca como a “padrão” (LOURO, 2013).



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

Objetivo principal é analisar a construção e manutenção do gênero e do padrão de beleza midiático presentes nos e pelos desenhos animados, nos quais se pode perceber nitidamente a figura humana. Padrões sugeridos e mantidos socialmente a partir da persuasão e propagação contínua nos canais de televisão abertos. Investigando de que forma os discentes, a partir de seus discursos e práticas, seja assumem, rechaçam ou re-significam estes modelos estereotipados de gênero e beleza.

Apoiando-se em uma perspectiva pós-estruturalista, a qual autores como Michel Foucault, Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Tomas Tadeu da Silva entre outros, para pensar os mecanismos de construção utilizados pelos desenhos animados e como se tornam formadores e mantenedores de padrões de comportamentos seja relativos ao gênero seja dos padrões estéticos, posto que traduzem uma visão de mundo sustentada pelas concepções de seus idealizadores (HALL, 2002).

A abordagem sobre a questão sexual é alvo de “investimento político e instrumento de tecnologia de governo, ou seja, ela está fundamentada em uma forte preocupação em administrar, tornando correto o modo como as/os adolescentes vivenciam a sexualidade, sem questionar a orientação implícita na noção de ‘desenvolvimento sexual normal’” (CARRARA, 2010, p.32. v.7).

As questões que envolvem a discussão de gênero e sexualidade, no geral, são abordadas a partir do viés heteronormativo, reforçam posições privilegiadas de poder entre homem e mulher, entre gênero e raça. Postula-se uma norma nas expressões de gênero (como a composição familiar válida somente entre um homem e uma mulher, na qual há hierarquização de gênero e clara exclusão de orientações sexuais não heterossexuais) (CARRACA, 2010), assumindo um discurso unívoco que é sustentado ora pela biologia e pelas ciências médicas afirmando o caráter doentio das orientações não heterossexuais ora pela religião atrelando toda sorte de pecado àqueles que fogem a mesma orientação (FOUCAULT, 1988).

Quando se atribui as diferenças à natureza, camuflando os discursos nos quais elas (as diferenças) são construídas, negligencia o processo de socialização e seus modelos decididos previamente, cujos aparatos ideológicos se encarregam de informar e fiscalizar (HALL, 2002). Dessa forma, compreende-se o conceito gênero como uma construção social que distingue a dimensão biológica da dimensão social, pois embora a diversidade biológica



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

configura-se como produto da natureza (SILVA, 2014), ser homem e ser mulher advêm da relação cultural, ou seja, homem e mulher são “produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos” (CARRARA, 2009, p.42).

Dessa forma, ser homem ou mulher não está diretamente ligado à composição física que se tem, mas o papel que se assume socialmente, não como quer o senso comum e as ciências biológicas determinam, mas se alinha a percepção que cada um desenvolve na conjugação entre seu sexo e a percepção que se tem socialmente de si mesmo, que pode convergir ou não. Uma prova disso encontra-se nas crianças intersex, nas quais por “imposição” médica se determina que sexo anatômico deva prevalecer, e daí inicia-se uma longa jornada a forçar e reforçar uma identidade socialmente fabricada.

(...) as relações entre mulheres e homens e os significados simbólicos associados às categorias “mulher” e “homem” são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados. Dados culturais comparados foram particularmente valiosos nesse aspecto, fornecendo a evidência empírica para demonstrar que as diferenças de gênero e as relações de gênero são cultural e historicamente variáveis. (MOORE, 1997, p.3, grifo nosso)

E como construídas, diferem nas diversas culturas que podem atribuir tais diferenças a certas partes do corpo; como em outras, enfatizam as formas de relações como determinantes, ou seja, não é o biológico, mas é a cultura que vai significar o gênero. Como também o sexo é postulado como uma construção, não é “natural”, determinante, mas “é um efeito, mais que uma origem, e que, longe de ser uma unidade dada e essencial, é, enquanto categoria, o produto de práticas discursivas específicas” (MOORE, 1997, p.5). Por isso tal separação, sexo e gênero, é um postulado mais ocidental, não podendo ser universalizado e atribuído às todas as culturas.

O gênero e a sexualidade não estão restritos ao ambiente escolar, mas açambarcam toda a vida e em todos os lugares. Pois não se postula o ser humano separado da sua sexualidade como também é difícil pensar, ainda, a pessoa sem a sua identidade de gênero, ou não sendo um ser cultural. São, antes, questões que múltipla, que perpassam identidades construídas e forjadas diariamente. Identidade não sólidas, herméticas e não modificáveis, mas, antes, são passíveis de mudanças, releituras, problematizações e profunda reflexão (SALIH, 2015). Identidade que se aquiescem na diferença e pela diferença, diferença



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

entendida como caminho seguro para equidade. A diferença pela diferença, a diferença na multiplicidade (GALLO, 2014).

A pesquisa tende a se debruçar sobre uma discussão no modo como os desenhos animados reforçam os padrões seja de gênero e de beleza no público infante-juvenil. Para isso o caminho metodológico será realizado pela análise do discurso, em uma perspectiva pós-estruturalista, balizado nos Estudos Culturais em Educação e nos Estudo sobre Gênero e sexualidade.

Como caminho a percorre: analisar tanto algumas “falas de efeitos” presente nas narrativas dos desenhos animados quanto as próprias imagens que desejam transmitir, por se entender que este conjunto se faz presente na vida do discente e refletem, por vezes, a construção de identidade dos sujeitos (NÉLIA, p. 55,2009).

A escolha dos desenhos animados, ainda em construção, seguirá os critérios seguintes: aqueles exibidos em televisão aberta, nas emissoras com mais audiência como Globo, SBT e Record, sejam assistidos pelos adolescentes entre 13 e 16 anos e que possuam nítida figura humana entre os principais personagens.

A proposta do trabalho era desenvolver oficinas extracurriculares, em forma de um minicurso, no qual os discentes fizessem inscrição para participar, a fim permitir e proporcionar, aos que demonstrassem interesse pela temática, um lugar privilegiado de reflexão para a própria vida. Então esses seriam os multiplicadores de um novo olhar e, se possível, uma nova prática. Balizando a discussão, a partir dos vídeos, textos, desenhos entre outros, acerca da construção do gênero e dos padrões de beleza, permitir-se-ia uma reflexão das associações construídas e alimentadas pelos meios de comunicação de massa, sobretudo nos desenhos infantis.

Propor as discussões sobre a (des) construção social do gênero e do padrão de beleza midiático, principalmente a partir dos desenhos animados, é, antes de tudo, um desafio para que se possa repensar não só a formação dos alunos como também reconhecer, e até mesmo construir, ferramentas que possam ser úteis nas situações cotidianas. Não era pretensão do projeto *didático-pedagógico* configurar-se como uma reflexão aprofundada dos assuntos tratados, mas uma primeira semente mais elaborada e sistemática em um contexto de discussão sobre o gênero e padrão beleza midiático, para que alunos e alunas pudessem agregar mais uma perspectiva, um ponto de vista, à temática, que não seja somente aquelas



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

elaboradas pela família, religião e biologia; sustentada e corroborada pelo senso comum e pela mídia.

REFERÊNCIAS

CARRARA, Sergio et al. (orgs.). **Curso de Especialização em Gênero e Sexualidade**. V7. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília, DF: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2010.

_____. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professores/as em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 1998.

_____. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **História da Sexualidade I**: vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Sérgio Augusto. **Conhecendo Análise do Discurso**: linguagem, sociedade e ideologia. Manaus: Valer, 2006.

GALLO, Silvio. Diferença, multiplicidade, transversalidade: para além da lógica identitária da diversidade. In: RODRIGUES, Alexsandro; DALLAICULA, Catarina; FERREIRA, Sérgio Rodrigo da S. **Transposições**: lugares e fronteiras em sexualidade e educação. Espírito Santo: EDUFES, 2014.

GREGOLIN, Rosário. **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Editora Claraluz, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**: O “normal”, O “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9 ed.. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

_____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.



Simpósio de Educação: Cotidiano, História e Políticas

Manifestações, apropriações e atualidades da Educação Libertária no Brasil

Centro Universitário Geraldo Di Biase - Campus Volta Redonda - 15, 16 e 17 de setembro de 2015

_____. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. Infância, música e mídia: a produção cultural em debate. In: PASSOS, Mailsa; PEREIRA, Rita (Orgs.). **Identidade, Diversidade: práticas culturais em pesquisa.** Petrópolis, RJ: DP et Alii; Rio de Janeiro: Faperj, 2009.

MOORE, Henrietta, **Compreendendo sexo e gênero.** Trad. Júlio Assis Simões. Londres: Routledge, 1997, p. 813-830. Disponível em: <http://e-clam.net/moodle/course/view.php?id=10> Acesso em: 20 de junho de 2013. (arquivo para uso interno do curso de Especialização em Gênero e Sexualidade/EGEs-EURJ)

OLSIESKY, Simone dos Santos. **Representação de Gênero, Transgressão e Humor nas Figuras Infantis dos Desenhos Animados Contemporâneos.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre, BR-RS, 2010. 221f.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PRATES, Anelise de Araujo. **As representações de beleza transmitidas pelos filmes infantis.** 2004. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=623>. Acesso em: 02 de abril de 2014.

RAEL, Claudia Cordeiro. **Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney.** In LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs). Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. 9 ed.. Petrópolis, RJ: vozes, 2013.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer.** 1ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 14. ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.